



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**“QUEM ESPERA TEMPO RUIM É LAJEDO”:  
MIGRAÇÃO DURANTE  
A SECA DE 1932 EM JACOBINA-BA**

Emily Rodrigues dos Santos\*

Descamba Janeiro,  
Depois fevereiro  
E o mesmo verão  
Meu Deus, meu Deus  
Entonce o nortista  
Pensando consigo  
Diz: "isso é castigo  
não chove mais não"  
Ai, ai, ai, ai  
Apela pra Março  
Que é o mês preferido  
Do santo querido  
Sinhô São José  
Meu Deus, meu Deus  
Mas nada de chuva  
Tá tudo sem jeito  
Lhe foge do peito  
O restó da fé  
Ai, ai, ai, ai.<sup>1</sup>

A decisão de migrar alterava profundamente a vida do grupo familiar, essa decisão era difícil e para muitos narradores são lembranças de momentos de angústia.

\* Possui graduação e especialização pela Universidade do Estado da Bahia- UNEB. O presente artigo faz parte do terceiro capítulo da dissertação *A seca é o inverno de muita gente* defendida na Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS, no ano de 2014.

<sup>1</sup> *A triste partida*, composição de Patativa do Assaré, interpretada por Luiz Gonzaga.

Lindolfo quando questionado se ele e sua família haviam migrado, ele afirma que “[...] ficou no mesmo lugar, passano ruim mas ficou, não tinha pra onde ir, quando ia não podia voltar e o outro povo que ia no caminho, quem guentasse ir chegava e quem não chegava morria por lá mesmo e se acabava [sic]”.<sup>2</sup>

A fala do narrador demonstra as preocupações que existiam no momento da decisão de partir ou não, se existiriam dificuldades enfrentadas na obtenção do alimento na terra natal, havia por outro lado os perigos de uma longa jornada por terras desconhecidas, provavelmente essas pessoas ouviram histórias de muitos que “não chegava e morria por lá mesmo e se acabava”. Essas e outras questões perpassavam a cabeça na hora da decisão de abandonar a terra natal. É possível também que a disposição de não partir, tomada pela família de Lindolfo, demonstre que de alguma maneira estes ainda possuíam algum recurso que permitisse permanecer na terra natal, estivesse ligada ao fato de que sua família tinha melhores condições de sobreviver aos efeitos da seca.

Para outras famílias, tomada a decisão de partir, era necessário organizar os preparativos para a viagem e estes estavam diretamente ligados à posição social que a família ocupava. Para os mais abastados era necessário vender a propriedade e rebanhos ou transferi-los para outra região. Para os subalternizados a preparação consistia geralmente no abate dos poucos animais que sobrou ou ainda no abandono daqueles que não foi possível vender. Era necessário preparar os utensílios que seriam indispensáveis na viagem, além de alimentos que se reduziam à base da alimentação do sertanejo, como carne do sol e farinha de mandioca. Os últimos animais eram preservados para este fim, a carne era salgada com o objetivo de não estragar e suportar os longos dias da viagem.

As condições da viagem também estavam ligadas às posses das famílias, aqueles que possuíam mais recursos podiam contar com o apoio de cavalos e muares para vencer parte do trajeto. Como lembra Vitanor, “O Sul da Bahia era o mesmo que São Paulo, sabe se lá o que é ir pra o Sul da Bahia de pé? Quem tinha um animal tinha que largar no caminho por que cansava, não tinha o que comer”<sup>3</sup>, a dificuldade para enfrentar a distância a pé fazia com que o Sul da Bahia fosse comparado por Vitanor a São Paulo, devido às dificuldades e privações do trajeto feito a pé, o que deixava essas pessoas vulneráveis a uma série de perigos que se transformavam em momentos de sofrimento e

<sup>2</sup> Lindolfo José Ferreira, entrevista concedida à autora, em 27 de novembro de 2011.

<sup>3</sup> Vitanor Moreira dos Santos em entrevista realizada no dia 07 de novembro de 2012.

penúria. A ajuda dos animais não era suficiente, pois faltava alimento e água também para estes, sendo necessário abandoná-los no caminho quando não suportavam mais a caminhada.

Manuel também nos conta como foi a sua viagem para o Sul da Bahia: “Eu mesmo saí daqui fui pra o Sul ganhar dinheiro, pois bom, levei um burro [...] a gente saía daqui era três quatro dia de viagem, os animais era lá um ou outro que guentava ir, burro, cavalo num guenta, cabava morria”<sup>4</sup>. É possível inferir que no caso de grupos que tinham mulheres e crianças, os animais eram reservados para estes que não conseguiam acompanhar o ritmo dos demais membros ou quando cansavam, os animais ajudavam a amenizar o sofrimento da longa caminhada. Eram três ou quatro dias de viagem, expostos a todos os perigos, por isso era necessário que os alimentos e a água que foram levados fossem suficientes, do contrário o grupo estaria em perigo, dificilmente encontrariam uma maneira de se alimentar ou localizar água.

Os animais ajudavam a carregar os utensílios necessários para a viagem, assim como as pessoas. Quem parte, não deixa apenas a casa e alguns pertences que não foi possível levar, deixa também recordações e relações de afeto como demonstra a música interpretada por Luiz Gonzaga,

No dia seguinte / Já tudo enfadado / E o carro embalado / Veloz a corrê  
/ Meu Deus, meu Deus / Tão triste, coitado / Falando saudoso / Com  
seu fio choroso / Iscrama a dizer / Ai, ai, ai, ai. De pena e saudade /  
Papai sei que morro / Meu pobre cachorro / Quem dá de comê? / Meu  
Deus, meu Deus / Já outro pergunta / Mãezinha, e meu gato? / Com  
fome, sem trato / Mimi vai morrê / Ai, ai, ai, ai. E a linda pequena /  
Tremendo de medo / “Mamãe, meus brinquedo / Meu pé de fulô?” /  
Meu Deus, meu Deus / Meu pé de rosêra / Coitado, ele seca / E minha  
boneca / Também lá ficou / Ai, ai, ai, ai. E assim vão dexando / Com  
choro e gemido / Do berço querido / Céu lindo e azul / Meu Deus, meu  
Deus / O pai, pesaroso / Nos fio pensando / E o carro rodando / Na  
estrada do Sul / Ai, ai, ai.<sup>5</sup>

A terra representada nos versos ganha sentido de casa, de lar. Tudo era íntimo, a natureza ao redor fazia parte do cotidiano das famílias e marcava profundamente as relações sociais estabelecidas. DeJulina relembra que diferente da maioria das famílias

<sup>4</sup> Manuel Ferreira Cunha, entrevista concedida à autora, no dia 15 de maio de 2013.

<sup>5</sup> *A triste partida*, composição de Patativa do Assaré interpretada por Luiz Gonzaga.



dos narradores, dos que decidiram partir apenas alguns membros da família, seus vizinhos optaram por todos da família irem embora.

Viva Deus! Ai não aguentaram a fome, arrumaram a mariana, disse que iam embora, iam embora pro Sul [...] e ai foi, tomem assim que ele fechou a casa saiu mais os fio, cada um saiu, ele os fio e a véia, dona Zabé, a vó de Marica, cada um saiu com uma trouxinha, se ninguém tinha nada, ninguém tinha nada minha fia, as casa num tinha nada, óia as casa, tinha casa, o povo era tão pobre.<sup>6</sup>

A expressão utilizada por DeJulina “arrumaram a mariana” é representativa da situação dessa família e significa arrumar a mala, partir. Mas não partir temporariamente, demonstra que não havia por parte dessa família intenção que a migração fosse provisória, talvez isso diferencie esse grupo das famílias dos demais narradores. Demonstra de que maneira a penúria que era perceptível na simplicidade da casa, nas vestes, quando atingia níveis extremos comprometendo a sobrevivência das pessoas, como aponta a narradora “ai não aguentaram a fome”, tornava-se imperativo “retirar-se”.

Essa família que “fechou a casa e saiu”, diferentemente das outras, nas quais apenas alguns membros partiram, demonstra que para alguns era necessário “fechar a casa”, abandonar tudo para não perder o bem mais precioso, a vida. Podemos conjecturar que ao repetir a afirmação “[...] se ninguém tinha nada, ninguém tinha nada minha fia”, DeJulina quisesse marcar certa diferenciação entre essa família e a sua, uma vez que apesar das dificuldades sua família não partiu. “Nunca sai pra lugar nenhum, eu era pequena. Meus pais também não saíram não, ficaram sofrendo até o dia que Deus ajudou e mandou chuva, mas num saiu não”<sup>7</sup>. Essa diferenciação talvez estivesse ligada ao fato de que de alguma maneira DeJulina e sua família possuíam alguns recursos que lhes permitiram permanecer em sua terra natal até o fim da seca.

O jornal *O Correio de Bonfim* noticiava em tom de denuncia que,

São levas de retirantes que nos vêm chegando das terras causticadas de sol são os abandonados filhos do sertão que, sem amparo de ninguém, resignados e abatidos pelas leis fataes da natureza ingrata, fogem dos lares humildes e descem, da condição de independência relativa em que vivia para esmolar a caridade publica [sic]<sup>8</sup>.

<sup>6</sup> DeJulina Francolina Ferreira, entrevista concedida à autora, em 29 de novembro de 2011.

<sup>7</sup> *Ibidem*.

<sup>8</sup> *Correio do Bonfim*, 01 de fevereiro de 193, p. 01.

Uma das imagens mais fortes que se construiu foi a imagem do retirante sertanejo maltrapilho, faminto, enfrentando todo tipo de agruras sob um sol escaldante e solo ressecado e seco. A construção da imagem do retirante sertanejo esfarrapado e com fome reduz-se a explicações simplistas os diferentes significados que o “migrar” adquire para estes sujeitos, iguala valores e sentimentos de pessoas que possuem relações particularizadas.

A vida dos trabalhadores rurais baseadas nas relações diretas com a natureza transforma estes, na visão de alguns, em pessoas inaptas a compreender e praticar os códigos citadinos, homogeneizam sentimentos complexos e práticas inventadas e reinventadas cotidianamente. Essa construção transforma o homem do sertão em um ser “apolítico, apático, submisso e incapaz de constituir-se como sujeito ativo de sua própria condição social”<sup>9</sup>. Dessa maneira, o sertanejo é transformado em sujeito “carente” que precisa ser ajudado, socorrido tanto pela caridade pública quanto pelo Estado.

Nessas primeiras notícias sobre os retirantes, estes aparecem como desamparados, vítimas de uma natureza ingrata e cruel, “resignados e abatidos”. A imagem desses homens e mulheres vai se transformando conforme estes se avolumam nas cidades e passam a representar uma ameaça aos citadinos. “As nossas ‘procissões da fome’ são andrajos cobrindo criaturas esqueléticas, são ondas vagarosas e sombrias, mudas como a dor dos que não sabem gemer, impressionante como o protesto da alimaria que não sabe exprimir o sofrimento que lhe atormenta”.<sup>10</sup>

O jornal *Correio de Bonfim* cumprindo o que considerava ser o seu papel, o de expor a situação de pobreza que vivia a população sertaneja, colocando-se enquanto porta voz, denuncia que “as procissões da fome” do sertão são compostas por seres “emudecidos” que não sabe gemer. Caberia, portanto, ao jornal o papel de “gritar” aos quatro ventos a situação de penúria vivida por estas pessoas. Esses homens e mulheres eram também comparados a “alimaria que não sabe exprimir o sofrimento que lhe atormenta”, eram seres apolíticos, que desconheciam os meios pelos quais podiam reivindicar seus direitos. A gente do sertão era vista por Augusto Sena Gomes e seu jornal enquanto pessoas incivilizadas e inertes.

<sup>9</sup> SANTANA, Charles D’Almeida. “Trabalhadores rurais do recôncavo baiano: memórias e linguagens”. *Proj. História*, São Paulo, fev. 1998. p, 194.

<sup>10</sup> *Correio do Bonfim*, 01 de fevereiro de 1931, p. 01.

O reforço dessas ideias do sertanejo enquanto sujeito incapaz de lutar por seus direitos, aquele que necessitava da tutela de outros, vitimizado, contribuiu na consolidação de preconceitos e estereótipos acerca do homem do sertão. Os sertanejos, como foram mostrados na reportagem, são homens e mulheres sem rosto ou nome, “ondas vagarosas e sombrias”, o que é apresentado sob a noção de “retirante” ou “flagelado” eram na verdade grupos heterogêneos, compostos por pessoas que apresentavam dentro das consequências da seca, demandas específicas, visões de mundo percepções próprias, mas nesses primeiros sinais de seca, aos periódicos interessava mostrá-los enquanto grupo homogêneo e tornar-se porta voz de suas demandas. No entanto, essa postura dos jornais demonstra que a ajuda esperada dos governantes perpassava diretamente pelos interesses das classes que essa imprensa pretendia defender.

Aos primeiros sinais da seca anunciada, as populações afetadas aparecem no noticiário como personagens passivos de um discurso, que normalmente enfatiza ‘o tom do flagelo’ como argumento que, historicamente, tem se mostrado eficiente a capacitação de recursos federais para a região.<sup>11</sup>

Esse interesse fica claro na mesma reportagem, no qual o periódico reivindica a ajuda do governo, mas esta deveria vir em forma de recursos para a construção da ferrovia.

Não! O nortista não quer migalhas: quer ganhar seu sustento sem a sacola do mendigo [...]. Os créditos abertos pelo poder central para socorro financeiro de alguns estados do Sul, podiam ser desviados alguns recursos afim de se dar trabalho às verdadeiras ‘procissões da fome’ minorando as consequências do flagello das seccas e fazendo obra de interesse nacional essa ferro-via!<sup>12</sup>

Essas ferrovias construídas segundo os interesses políticos e econômicos desses grupos não obedeciam a critérios de viabilidade econômica. O drama do flagelo da seca foi utilizado enquanto maneira de arregimentar recursos para a região, sendo há muito tempo um discurso que sensibiliza, tornou-se uma arma poderosa para a obtenção de verbas federais.

<sup>11</sup> ARAUJO, Maria Lia Corrêa de. “Seca: fenômeno de muitas faces”. *Cad. Est. Soc. Recife*. v. 16, n.1, p. 5-27, jan-jun, 2000.

<sup>12</sup> *Correio do Bonfim*, 01 de fevereiro de 1931, p. 01.



O sofrimento não ficava para trás junto com a velha casa e as lembranças do lugar, alguns seriam agravados na longa jornada até a nova moradia. Na memória dos narradores ficaram marcas desse drama vivido durante o trajeto, são marcas não apenas do que eles viveram, mas também das histórias que ouviram contar e que foram internalizadas como se as tivesse vivido.

O fato de já terem sido contadas faz das histórias mais que propriedade individual: elas têm sido compartilhadas. Sua família se orgulha delas; então, elas são propriedade familiar. Então elas também têm sido, provavelmente compartilhadas com colegas de sua geração. Um ato de discurso oral, mais do que o discurso escrito, é implicitamente social, por que requer um público.<sup>13</sup>

As lembranças sobre a seca foram passadas de geração em geração, marcando tão profundamente a memória das pessoas da região, que muitos narradores recontam essas histórias como se eles próprios tivessem vivido. Acontece uma espécie de simbiose entre as memórias individuais e coletivas, ambas construídas sobre uma base comum. DeJulina nos conta uma dessas histórias que foram contadas e recontadas por gerações, buscando demonstrar as dificuldades que as pessoas sofreram.

Muita gente mudou, muita gente largou menino, num, numa fazenda num guentava, ir e ainda com uma criança no braço, será que é precisão? Chegava numa fazenda debaixo de um varandado deixava, os donos da casa levantava tava, saia fora tava aquela criança tomava aquele choque [sic].<sup>14</sup>

Para a narradora a melhor maneira de demonstrar que aquelas pessoas estavam passando por sofrimentos extremos, estava no fato de que estas chegaram ao ponto de abandonar seus filhos, “será que é precisão?”. Para o sertanejo a ideia de precisão está ligada ao agravamento das condições de vida destas pessoas que, cotidianamente já enfrentavam dificuldades, no entanto, com a seca estas dificuldades ganham a proporção de “precisão”, o que justificaria o fato de uma mãe abandonar o filho.

[...] o povo não aguentava a fome a fraqueza, deixava os fio quando passava na casa de um fazendeiro, que via que tinha as coisa, tinha gado, tinha as coisa, deixava aquela criança ali, era mesmo que ta panhanoe dano pra uma pessoa que podia pa criar, só que tinha que aquelas criança perdia o contato com os pais e os pais tomem deles, eles abandonaram é mesmo que uma ovejia tempo de seca, ovejia tempo de

<sup>13</sup> PORTELLI, Alessandro. “O melhor limpa latas da cidade: A vida e os tempo de Valtèro Peppoloni, trabalhador”. *Ensaio de História Oral*, Letra e Voz, p. 173.

<sup>14</sup> DeJulina Francolina Ferreira, entrevista concedida à autora, em 29 de novembro de 2011.

seca num pare e num tem um pingo de leite, e abandona os fio lá, nem limpar elas num limpa, se os arubu não matar e agente não pegar pra criar enjeitado, eles num morre lá? Era a mesma coisa, era a mesma coisa. [sic].<sup>15</sup>

Dejulina em sua narrativa, mais que contar uma história, o narrar torna-se um ato público, no qual se troca experiências vividas.

A narrativa, que durante tanto tempo floresce num meio de artesão, no campo, no mar, e na cidade, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não esta interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa como o oleiro na argila do vaso.<sup>16</sup>

Dejulina, ao narrar a historia, “mergulha a coisa na vida do narrador” e elabora sua narrativa de modo artesanal, intercambiando suas experiências, para além de apenas contar algo, informar, ela narra permitindo que o ouvinte elabore suas próprias reflexões e conclusões a cerca da história. A sua narrativa está permeada pelos elementos de sua cultura, “[...] oveia tempo de seca num pare e num tem um pingo de leite, e abandona os fio lá, nem limpar elas num limpa, se os arubu não matar e agente não pegar pra criar enjeitado, eles num morre lá? Era a mesma coisa, era a mesma coisa”<sup>17</sup>, através da comparação entre o abandono de crianças pelos pais diante da dificuldade importa pela seca e o abandono de filhotes pelas ovelhas, DeJulina busca exemplificar que diante da situação, ambos reagiram da mesma maneira. Mais ainda, que diante da situação de “precisão” era necessário abandonar para que outros que tivessem mais condições pudessem cuidar, dessa maneira as mulheres estavam imitando o comportamento da natureza, que é a base da cultura local.

Essa história nos ensina o que é a verdadeira narrativa. A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver.<sup>18</sup>

<sup>15</sup> *Ibidem.*

<sup>16</sup> BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura*. Obras Escolhidas. v. I. 5. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993, 205.

<sup>17</sup> DeJulina Francolina Ferreira, entrevista concedida à autora, em 29 de novembro de 2011.

<sup>18</sup> BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura*. Obras Escolhidas. v. I. 5. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993, 204.



Em contraposição a informação que já vem pronta, a narrativa guarda uma parte que pertence ao ouvinte, cabe a sua reflexão. Enquanto a informação só tem valor enquanto é nova, a narrativa pelo contrário quanto mais é narrada, mais é acrescentada pelas experiências do narrador ou dos ouvintes. A narrativa pode ser comparada ao marfim, polido pausadamente através das camadas lentamente acumuladas, assim acontece com as histórias constituídas pelas narrativas sucessivas.<sup>19</sup>

As lembranças e narrativas sobre a seca, contadas e recontadas por gerações têm um fundo moral, pois estão baseadas em valores e saberes. São as experiências dessas pessoas, vividas por cada um de maneira específica, mas cada vez que era recontada acrescenta as experiências de quem ouve, acumula saberes, vai sendo polida como o marfim.

Pelo caminho os narradores presenciaram cenas de sofrimento de muitos a quem o alimento acabou antes de chegar ao destino, e estes ficaram à beira da estrada contando apenas com a caridade dos que transitavam por ali. Manuel nos relata algumas dessas histórias,

Apois bom, quando se vinha de lá pra cá encontramos os malote de gente que ia descendo tudo, encontrava um aqui encontrava outro no Peixe<sup>20</sup>, encontrava outro mais adiante. Mulher de ajoelhar nos pé da gente e pedir uma esmola e as vez sair com os olhos cheio d'água por que não podia dar , por que o povo em casa tudo com fome, como é que dava? A farinha era os sacos lacrados não podia dar, dinheiro ninguém trazia, o dinheiro era a conta de chegar em casa e precisar comprar um remédio ou um açúcar ou um café né, não podia dar e assim foi, pegou de trinta, foi trinta e um, trinta e dois foi o ano mais apertado. [sic].<sup>21</sup>

Manuel conseguiu emprego no Sul na produção de farinha e recebia alguns sacos de farinha como parte do salário, ele fazia o caminho inverso da migração, retornando para a sua terra natal periodicamente para trazer farinha e outros poucos alimentos para a família. Nesse retorno pelos caminhos que ele mesmo havia passado e enfrentado as mesmas dificuldades que os demais migrantes, se via dividido entre ajudar a estes ou a sua família, “como é que dava?”.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 206.

<sup>20</sup> Povoado do município de Capim Grosso.

<sup>21</sup> Manuel Ferreira Cunha, entrevista concedida à autora, no dia 15 de maio de 2013.

O sentimento de piedade que impelia as pessoas a ajudar o próximo era motivado por valores cristãos e humanistas. Ainda que Manuel tivesse pouco mais do que as pessoas que esmolavam na beira da estrada, este sentia-se sensibilizado com a situação do outro, no entanto, sua família também necessitava do alimento que ele conduzia. Palestino narra uma história que é representativa de como esses valores marcam profundamente a cultura das pessoas.

A seca foi grande viu. Vi muitos que desceram pra o Sul onde tinha farinha, no Sul tinha farinha barata, mas ninguém podia ir buscar, muitos que desceu com a família morreu muita gente, pouca gente chegaram. Desceu um home sozinho, chegou numa fazenda pediu um bocado, chorando de fome, nesse tempo ...[fazendeiro responde] não tenho comida pra dar ninguém não! Viajou assim como na beira do tanque, caiu e morreu, o fazendeiro pegou fez a mortaia, antigamente enterrava gente mortaiado, fez a mortaia, contava o povo eu não sei, eu não vi. O fazendeiro mortalhou o homem e enterrou, quando foi no outro dia de manha manheceu a mortalha em riba da mesa, foi verdade. [sic].<sup>22</sup>

A narrativa apresentada por Palestino expõe as noções desses valores morais e religiosos que pregavam o amor ao próximo, que deveriam nortear as ações daqueles que possuíam mais e tinham obrigação de ajudar os despossuídos, especialmente aqueles atingidos por catástrofes climáticas como a seca. No momento em que o fazendeiro nega o alimento a um faminto acontece o rompimento das relações baseadas na ajuda que os grandes proprietários deveriam oferecer aos pobres, relações estas baseadas em valores e costumes.

No entanto, após a morte do homem, sua ação de cuidar das vestes para o enterro não possuía mais valor. A moral da história narrada por Palestino busca reafirmar a obrigação daqueles que possuíam mais recursos para ajudar os despossuídos e a ação por parte do “homem morto” devolvendo a mortalha é representativa dessa moral, na qual a ajuda esperada, baseada em valores como deferência, não foi atendida.

Em uma sociedade fundamentada em laços como o compadrio, parentesco que se baseia na escolha de um casal para apadrinhar uma criança, a qual estes devem cuidar e oferecer proteção, em contrapartida o afilhado deve obediência. Nessa estrutura social entendia-se que os grandes proprietários deveriam auxiliar os subalternizados nos

<sup>22</sup> Palestino Amâncio de Araújo, entrevista concedida à autora, no dia 28 de setembro de 2011.

momentos de dificuldades, quando isso não acontecia, a posição de subordinação presente na atitude do pedido de proteção dá espaço para a insubordinação e luta por direitos.

Com base nos valores da tradição católica, o grande dono das terras no sertão tornava-se padrinho de muitos afilhados, mediante o compadrio. Dessa forma, assumia o dever de proteger vários “moradores” ou empregados. Nas relações de compadrio há, em certo sentido, uma aceitação da existência de ricos e pobres, fortes e fracos, na medida em que o potentado é visto como aquele que tem obrigação de proteger o despossuído. No sertão, é cultivada a ideia de que Deus fez o rico para proteger o pobre. Em troca, o pobre deve obediência ao rico.<sup>23</sup>

Essa concepção de mundo não é baseada na passividade, pelo contrário, é devido ao rompimento dessa “proteção” e “obediência” que justificaria a revolta do “subordinado”. Em relação a essa concepção é que a narrativa de Palestino é ilustrativa, demonstrando que o flagelado é sujeito histórico, que se baseia em uma complexa rede de valores alimentada por costumes ligados ao “apadrinhamento”.<sup>24</sup>

Quando o povo passava com uma carga de tropeiro, naquela época era por que era a burro, trazia cento e vinte quilo de coisa, seja de milho ou de feijão, e eles vinham pedir uma cuia de comida, e eles tirava e dava, dava a um, dava a outro, já tinha tropeiro que trazia um bogózinho no meio da cangalha pra ir dando, que quando acabava, teve um velho como era Luiz da Varjota que descosturava e tirava no cantinho do saco um pouquinho e dava, quando chegava na feira um monte dizia o meu saco eu não descosturo por que ai já ta a quantia certa, mas quando ele chegava na feira que retaliava, aquele que ele tirou não faltava não, dava a mesma medida! [ sic].<sup>25</sup>

Vitanor, ao narrar a história, nos apresenta também um conjunto de valores baseados na solidariedade, na qual Deus recompensaria pela ajuda prestada ao semelhante na terra. Dessa maneira, Vitanor demonstra através de sua narrativa que aquele que ajuda o semelhante necessitado, não sofreria prejuízos. O tropeiro que retirava pequenas quantidades de alimentos para dar a pessoas ao longo do caminho, diferente de seus companheiros, que argumentavam que faltaria no momento da venda, ele não sofria nenhum prejuízo. Ainda segundo o narrador, no momento da venda nas feiras livres não faltava “dava a mesma medida”.

<sup>23</sup> RIOS, Kênia Sousa. *Isolamento e poder: Fortaleza e os Campos de Concentração na Seca de 1932*. 1998. Dissertação (Mestrado) - PUC-SP, São Paulo, 1998, p. 81.

<sup>24</sup> *Ibidem*.

<sup>25</sup> Vitanor Moreira dos Santos em entrevista realizada no dia 07 de novembro de 2012.



Podemos conjecturar como a solidariedade e a piedade eram concebidas e praticadas por estas pessoas. Quem merecia recebê-la e quem deveria oferecê-la.

Como um ato religioso, a esmola tem um sentido em si mesmo, enquanto estabelece um elo entre o doador e seu destinatário que remete sempre ao próprio Jesus, na medida em que este, no evangelho, se identifica com os pobres. Ao doador, portanto, pouco importa a aplicação específica da oferta, mesmo porque, não pensa ter algum direito de vigiar a utilização daquilo que para ele é mediação do sagrado. Neste sentido, a questão social que produz esses miseráveis se coloca muito periféricamente para uma concepção onde a esmola se inscreve prioritariamente dentro de um sistema valores e significados religiosos.<sup>26</sup>

Entendida, portanto, enquanto mediação do sagrado, pedida e agradecida em nome de Jesus, não cabia ao doador investigar o que seria feito com ela, baseado na concepção que “quem dá aos pobres empresta a Deus”, é com base nesses valores que a esmola torna-se sagrado.

[...] as esmolas continuam sendo pedidas em nome de Deus, e em nome d’Eletambém agradecidas. Situação bem diversa da mendicância praticada nos grandes centros urbanos, quando o pedinte pede e suplica nos dando sua condição social como legitimação (desemprego, doença, abandono, número de filhos para criar, etc.) e é em nome de uma justiça social que concedemos talvez uma esmola.<sup>27</sup>

A solidariedade é um valor muito importante para os sertanejos, diante da fragilidade das condições de vida dessa população sujeita ao abandono por parte dos governantes,

[...] as relações de vizinhança e parentesco tem se expressado como a principal instituição social em momentos de fome, doença, morte, nascimento de crianças, num contexto onde as instituições estatais são insuficientes para atender a demanda social e quando existente são controlados pelas relações de clientelismo local.<sup>28</sup>

<sup>26</sup> STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias*. Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa-Ba. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 72.

<sup>27</sup> CAMPOS, Roberta B. Carneiro. “Sofrimento, misericórdia e caridade em Juazeiro do Norte: uma visão antropológica das emoções na construção da sociabilidade”. *Ci & Tróp.* Recife, v. 30, n. 2, p. 253-266. jul-dez, 2002. p. 261.

<sup>28</sup> MENEZES, Marilda Aparecida. “Relações de solidariedade em comunidade de camponeses-trabalhadores migrante”. *Inf. & Soc.:Est*, João Pessoa, v. 6, n. 1, p. 39-49, jan-dez, 1999, p. 44.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando todas as táticas empregadas falharam era necessário partir, buscar melhores condições em outros lugares. O objetivo principal da migração era o trabalho, em sua maioria os que partiram buscavam atividades que ajudassem a alimentar os que permaneceram.

O “retirar-se” era marcado pela tristeza do abandono da terra natal, pelo medo e insegurança diante da necessidade de enfrentar um caminho desconhecido e repleto de perigos. No entanto, impelido pela necessidade da busca de melhorias e de não perder o bem maior, a vida.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ARAUJO, Maria Lia Corrêa de. “Seca: fenômeno de muitas faces”. *Cad. Est. Soc. Recife*. v. 16, n.1, p. 5-27, jan-jun, 2000.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. Obras Escolhidas. v. I. 5. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993, 205.

CAMPOS, Roberta B. Carneiro. “Sofrimento, misericórdia e caridade em Juazeiro do Norte: uma visão antropológica das emoções na construção da sociabilidade”. *Ci & Tróp.* Recife, v. 30, n. 2, p. 253-266. jul-dez, 2002.

MARTINS, Daiane Dantas. *Um flagelo no sertão baiano: cotidiano, migração e sobrevivência na seca de 1932 (Vila de Canabrava do Gonçalo/Xique-Xique)*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia, Santo Antonio de Jesus, 2010.

MENEZES, Marilda Aparecida. “Relações de solidariedade em comunidade de camponeses-trabalhadores migrante”. *Inf. & Soc.:Est*, João Pessoa, v. 6, n. 1, p. 39-49, jan-dez, 1999.

NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

OLIVEIRA, Joseane Bispo. *Trabalho e sociabilidade no sertão da Bahia: as “quebras” e “tiras” do licuri*. 135f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado da Bahia, Santo Antonio de Jesus, 2009.

PORTELLI, Alessandro. “O melhor limpa latas da cidade: A vida e os tempo de Valtêro Peppoloni, trabalhador”. *Ensaios de História Oral*, Letra e Voz.

RIOS, Kênia Sousa. *Isolamento e poder: Fortaleza e os Campos de Concentração na Seca de 1932*. 1998. Dissertação (Mestrado) - PUC-SP, São Paulo, 1998.

SANTANA, Charles D’Almeida. “Trabalhadores rurais do recôncavo baiano: memórias e linguagens”. *Proj. História*, São Paulo, fev. 1998.

STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias*. Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa-Ba. Petrópolis: Vozes, 1996.

